

POSIÇÃO SUJEITO-AUTOR NA PRODUÇÃO TEXTUAL EM LÍNGUA ESTRANGEIRA

Christiano Titoneli Santana
Mestrado/UFF
Orientadora: Silmara Dela da Silva

Interpretar, de forma genérica, é uma atividade ligada ao ser humano, por mais que, durante uma pesquisa, busque-se um distanciamento, o olhar para o objeto de estudo mostra-se em diálogo imbricado com o social, histórico e ideológico do pesquisador. É neste panorama que a Análise de Discurso (AD) de linha francesa, aqui perspectivada, nos conduz para discussão de uma linguagem que possui uma exterioridade, porém não fora do indivíduo em posição-sujeito, mas constituída nele e por ele. Sabemos que a interpretação é um gesto de leitura em um nível simbólico (ORLANDI, 1996), o sujeito coloca-se em uma dada posição de acordo com o seu tempo e sua história. Cada vez que um sentido é privilegiado, um outro – ou outros – é apagado e esquecido, mas pode retornar filiado à outra formação discursiva. A AD garante-nos dispositivos teóricos e metodológicos, de modo que debruçemos sobre um texto e sejamos capazes de analisar as produções de sentido por meio das evidências deixadas pela ideologia, alicerçadas por uma institucionalização, engendradas por uma memória e materializadas pelo sujeito nas marcas linguísticas. Sabemos que a interpretação sempre pode ser outra e apontar-nos deslizamentos outros.

Objetivamos, a princípio, compreender e, ao mesmo tempo, interpretar o conto (que motivou a escrita dos alunos que será analisada no próximo capítulo) à luz de sua história, de suas características de ordem social e ideológica e de seus objetos simbólicos capazes de construir efeitos de sentido produzidos na obra de Hemingway. Com este pensamento voltado ao gesto de interpretação, segundo Orlandi (2013: 26), “A Análise do Discurso não estaciona na interpretação, trabalha seus limites, seus mecanismos, como parte dos processos de significação. Também não procura um sentido verdadeiro através de uma 'chave' de interpretação”. Não há uma busca pelo

sentido verdadeiro como postulado pelo senso comum, pois não há univocidade de sentido. Nosso dizer não tem origem em nós, compartilhamos dizeres evocados para/por nós, estamos a todo instante formulando e reformulando conceitos e pensamentos por meio da imbricação entre o interdiscurso e o intradiscurso. O novo (como no caso do acontecimento discursivo) sempre irrompe por meio do “já-dito”, ou seja, “há a necessidade de ‘filiar-se’ a uma memória política, legitimar-se, reivindicar a fundação” (ORLANDI, 1993: 13). Significamos pela linguagem; portanto, temos a necessidade de (re)significar o preexistente, de distanciar do *nonsense* para construir sentido.

Nosso fundamento não é investigar se o texto de cada aluno busca dizer o mesmo que o original; pelo contrário, entendemos que não somos a fonte do dizer e que os dizeres circulam em uma relação parafrástica. O intento é observar, conforme sustenta Grantham (2009: 94), que “o sujeito só se faz autor se o que ele produz for interpretável”; caso contrário, teríamos apenas uma escritura, e não uma autoria. Isso se alinha ao dizer de Orlandi (1996: 70 *apud* GRANTHAM, 2009: 94) ao afirmar que quando o sujeito “assume sua posição de autor (se representa nesse lugar), ele produz assim um evento interpretativo. O que só repete (exercício mnemônico) não o faz”. Evidencia-se que, quando a produção do sujeito é interpretável, apresentam-se tentativas em todo tempo de delimitar e dar unidade ao “querer-dizer” do sujeito, há uma autoria, pois ele está imerso e inscrito no repetível histórico, isto é, no interdiscurso. Mais do que isso, ele se implica, produz sentido e mostra sua singularidade. A constituição do autor se dá, então, na relação do repetível histórico ou dos vários dizeres (interdiscurso) na formulação do intradiscurso, além da implicação e na inscrição desse sujeito ao dar forma ao seu “querer-dizer”. São na historicidade, na ideologia, no jogo imaginário, no interdiscurso e no intradiscurso em que o sujeito se inscreve para alcançar um evento interpretável; em outras palavras, todos esses elementos são constitutivos para um sujeito em posição de sujeito-autor.

Recontar em língua estrangeira: visão inicial do quadro teórico-metodológico

Esta seção volta-se à análise de produções textuais de graduandos em Letras (Português-Inglês) de uma universidade pública do estado do Rio de Janeiro. Com base nas condições de produção, pretendemos, assim, analisar se há posições de sujeito-autor durante os textos, como o funcionamento da linguagem da LE propicia essas marcas, ou

não, e, principalmente, investigar se há marcas e gestos da “passagem da função de sujeito-enunciador para a de sujeito-autor” (ORLANDI, 2012 [1987]: 106). Para isso, recorreremos, além dos conceitos de autoria em Orlandi (2012), aos de heterogeneidades enunciativa (AUTHIER-REVUZ, 1990) e discursiva (GALLO, 2001) com foco na constituição da posição sujeito-autor. Para nos aprofundarmos mais no material utilizado, o material coletado é fruto de um dos trabalhos da disciplina em produção textual em língua inglesa de uma universidade pública do estado do Rio de Janeiro. Foi escolhido o conto *Old Man at the Bridge*, de autoria de Hemingway (1963). A tarefa foi ler o conto em sala, produzir um texto individualmente sob o comando de recontar a história e, em último, discutir, na aula subsequente, junto com o professor a história em uma abordagem sócio-histórica, de modo que a discussão não influenciasse ou barrasse o gesto interpretativo dos alunos. O propósito dessa tarefa era avaliar o processo de recontar em língua inglesa. Posteriormente, esse material tornou-se um caminho inicial para a presente pesquisa voltada à autoria, posição sujeito-autor, gestos ou marcas de autoria em LE. Desta forma, segue, na amostra deste resumo, a análise de uma produção textual. A produção textual é apresentada da mesma forma produzida pelo aluno, não há modificação textual alguma.

Amostra da análise de uma produção textual

“The Old Man at the Bridge” Ernest Hemingway

(1) The short story is about a soldier, the narrator, who has a meeting with an old man, someone who used to be a herdsman. They met each other on a bridge. The old man couldn't continue walking any longer and the army man tried to give him some support. It was probably the World War II because there is a moment they talk about fascists.

(2) We can feel in this story the impotence of the human body and fragility of life. The old man had to leave the animals he used to look after due to the artillery. He had no family. His work was everything in life, thus, when he was face to face with a situation of abandoning the animals and move on with his life alone, he was unable to carry on.

(3) The soldier tried to convince that poor man the animals would be fine. The cat could take care of itself and the birds could fly. Actually, for the animals that situation doesn't matter. They do not reflect about the importance of being alive, like the human beings do. Whatever would happen, the animals would be all right, and that was what the soldier tried to explain “Why they'll probably be all right.” They do not need that elderly at all. However, the physical integrity of the

animals was not the thing to really concern, but a reason to a man to live.

(4) Since the weather was terrible, they couldn't see the planes that were going to attack. That, and the man's belief that the animals could look after themselves were all the lucky that man would have, cause that situation was miserable, and they would all die in the war.

Esta produção textual apresenta uma estrutura construída por um título e dividida em quatro parágrafos. Veremos como se dá a progressão textual, se há posição sujeito-autor, implicação do sujeito-aluno ao tecer seu ato de recontar. No recorte 1, o sujeito-aluno ilusoriamente busca abarcar as características principais da história de modo a situar o sujeito-leitor. É importante pensar que esse jogo imaginário é constitutivo do próprio gesto interpretativo, assim como da posição sujeito-autor. O sujeito-aluno classifica o narrador, que também participa da história, como soldado, atribuindo a ele uma função não dita no conto, mas a figura do soldado permeia as formações discursivas de guerra. Vamos destacar três sequências discursivas do recorte 1. Em primeiro lugar, "...the soldier, the narrator, who has a meeting with an old man, someone who used to be a herdsman" [o soldado, o narrador, que tem um encontro com um senhor, alguém que era pastor]. O sujeito-aluno, ao começar o primeiro parágrafo apontando para as condições de produção da história, já denota uma tomada de posição e responsabilidade. Há uma preocupação, desde então, de controlar os sentidos e dar forma ao seu ato de recontar. De acordo com Tfouni (2001: 80), "analiticamente, o sujeito ocupa a posição de autor quando retroage sobre o processo de produção de sentidos, procurando 'amarrar' a dispersão que está sempre virtualmente se instalando, devido à equivocidade da língua". É neste ponto que precisamos nos ater a princípio. Ao classificar o narrador-personagem como soldado e nomear aquele senhor de pastor (ou vaqueiro, boiadeiro), não só se evidencia um gesto interpretativo, como também urge em categorizar os personagens da história, de modo a formar uma unidade, um sentido. Ideologicamente, há um atravessamento de "já-ditos" relacionados à história de guerra, pessoas que cuidavam da terra, dos animais sendo impelidas para sair de seus lugares. Além disso, o sujeito-aluno torna-se responsável pela unidade e progressão do ato de recontar, ao mesmo que passo que começa a instituir constitutivamente sua posição-autor. Vemos isto não apenas ao apresentar seu gesto interpretativo, ao classificar e posicionar os personagens, mas ao retomar as formações discursivas de solidão e abandono, em "the army man tried to give him some support" [o homem do

exército tentou lhe dar um apoio]. Em outras palavras, não se fala em solidão, abandono, mas discursivamente essas temáticas são revisitadas pelo sujeito-aluno que denomina os atos do narrador-personagem, como aconselhar e conversar com o senhor, de “to give him some support”. Estes aspectos, no ato de recontar, preparam o sujeito-leitor a ambientar-se com a história ficcional em si. O sujeito-aluno em posição-autor não se descola das formações discursivas do conto, mas, com o próprio gesto interpretativo, procura dar conta das derivas, conforme Tfouni (2001) menciona, como uma tentativa de sair do que “está dado” para ocupar uma posição sujeito-autor. Um outro exemplo dessa busca de manter o controle do dizer é o “army man”, que indica uma outra maneira de classificar o narrador-personagem; isso revela a tentativa sempre de dar conta de uma falta, que é a não nomeação de qualquer um dos dois personagens. Por fim, na sequência “It was probably the World War II because there is a moment they talk about fascists” [Era provavelmente a Segunda Guerra porque há um momento em que eles falam sobre os fascistas]. Em nenhum momento, o conto apresenta o nome da guerra, mas traz a situação, as condições de produção e o discurso de guerra e invasão. O leitor do conto pode perceber, a depender de seu conhecimento de mundo, de que se trata da Guerra Civil Espanhola, por intermédio de algumas pistas, como nomes de cidades, o termo “fascistas” e a localização geográfica. O que sucede é o sujeito-aluno ressignificando o conto ao marcar uma formação discursiva de guerra, mas que se descola do conto e abre espaço para outros sentidos. O gesto interpretativo do sujeito-aluno evoca o fato de que os sentidos estão sempre prontos a ser outros e nos escapam a todo instante. Desta forma, o sujeito-aluno redimensiona no ato de recontar um aspecto de algumas guerras em que há o discurso voltado à presença de fascistas. Este é um caminho que o sujeito-aluno em posição-autor encontrou em meio à equivocidade da língua.

A implicação do sujeito-aluno fica aparentemente mais evidente no recorte 2. Com a primeira sequência, em “We can feel in this story the impotence of the human body and fragility of life” [Nós podemos sentir nesta história a impotência do corpo humano e a fragilidade da vida], o sujeito-aluno ultrapassa o campo do ato de recontar e está interpelado e afetado pelas estruturas das redações dissertativo-argumentativas, ensinadas no ensino básico. Em outras palavras, o sujeito-aluno, aqui como graduando, é atravessado pelo institucional (no caso, universidade) a respeito do que se espera do próprio texto e, ao mesmo tempo, cria um efeito de escrita que se distancia do ato de

recontar, mas o põe em posição-autor, uma vez que se responsabiliza pela unicidade, coerência e progressão textual. Veremos: com o pronome pessoal “we” [nós], além dos aspectos que discutimos na produção textual 2, parece desvelar-se aqui o aspecto de ordem da neutralidade, apregoada no ensino básico nesse modelo de redação. Adiante, verificamos dois pontos que denotam ser fulcrais para o ato de recontar, quais sejam, “a impotência do corpo humano” e a “fragilidade da vida”. Por meio dessas dicotomias, o sujeito-aluno é capaz de proporcionar ao sujeito-leitor uma nova leitura, um rompimento com um “já-lá” no nível da heterogeneidade enunciativa em movimento parafrástico, e traz um “já-dito” da ordem do interdiscurso, em um movimento polissêmico em direção a uma autoria. Pois, não é apenas pelo simbólico da impotência do corpo humano, retratado pela imagem do senhor idoso, e da fragilidade da vida, evocada pela fatalidade em andamento na história, mas é pelos efeitos de sentidos “de impotência e fragilidade” alinhados à tentativa de dar acabamento ao texto e fechamento. Esses dois aspectos – impotência do corpo humano e fragilidade da vida – dialogam com as condições de produção do conto, no momento em que o sujeito-aluno descreve o fato do senhor estar a cuidar dos animais e ter de sair às pressas abandonando os animais devido ao aviso de invasão.

Até esse momento do processo de recontar, o sujeito-aluno consegue manter uma posição acentuadamente de sujeito-autor ao atravessar e passear pelo nível enunciativo quanto discursivo. Apesar de poucos desvios de escrita em LE, a LE não demonstrou ser uma contenção de sentidos; pelo contrário, o sujeito-aluno, embora afetado pela língua portuguesa, foi capaz de desempenhar a argumentação, a descrição e o comentário de forma imbricada, de modo a configurar marcas evidentes de autoria. Dois aspectos de afetação da LE nos chamam atenção: 1. No recorte 1, ao final, o sujeito-aluno é interpelado pelas formações discursivas no que dizem respeito às formas instituídas ideologicamente de se contar e se narrar em língua portuguesa ao passear pelo pretérito e presente. Pois, o presente demonstra ser um acontecimento mais controlável e próximo ao interlocutor; e aquele, anterior e mais distante no tempo, como podemos ver em negrito: “It **was** probably the World War II because there **is** a moment they **talk** about fascists”. Evidentemente, esse aspecto ocorre também em língua inglesa, mas essa maneira de narrar põe em tensão constitutiva a forma de se narrar em língua inglesa e a maneira em língua portuguesa. Por último, o desvio mais em evidência no recorte 2 não cria rupturas ou compromete seriamente a unidade textual, a

ver em negrito: “...when he **was** face to face... and **move** on with his life alone...” [quando ele ficou frente a frente... e {sigo ou seguem?} a vida sozinho]. A questão do desvio centra-se no verbo “move” (independentemente de ser o phrasal verb “to move on with”), porque se pensarmos no paralelismo sintático, o verbo de ação deveria estar no pretérito simples (*Simple Past*) como “moved” ou seguir no presente do indicativo (*Simple Present*), conjugado em terceira pessoa do singular (com –s, -es ou ies), mantendo uma relação de hibridez tão naturalizada no discurso da narratividade. A pergunta colocada {sigo ou seguem?} ilustra exatamente um dos pontos de deriva que o sujeito-aluno deixa escapar ao constituir a unidade textual. Além disso, exemplifica também, de certo modo, uma potencial dúvida que o sujeito-leitor poderá ter na busca do sujeito gramatical. Entretanto, podemos ir além, em forma de nota de rodapé, Orlandi (2012: 107) nos diz que “essa função enunciativo-discursiva, que é a do autor, tem seu polo correspondente que é o de leitor”, isto é, ao dar forma, ao lutar pela configuração de uma unidade e progressão textual, o sujeito-escrevente projeta esse sujeito-leitor. Como resposta, esse sujeito-leitor, “afetado pela mesma inserção social” (*Idem*), fará da sua leitura em conjunto com os desvios o seu gesto interpretativo outro. Isso implica, por assim dizer, que quando há luta em prol da unidade, clareza, progressão e não contradição no texto promovida pela posição sujeito-autor, certos desvios na LE, como rastros e marcas de outras memórias de dizer da língua materna, evidenciam a singularidade do sujeito.

Nos recortes 3 e 4, o sujeito-aluno retoma o diálogo entre os dois personagens e, com base nas condições de produção do conto em si, centra-se na vontade do homem querer ficar em casa cuidando dos animais e não poder voltar, mas sim ter de seguir adiante. O sujeito-aluno, no recorte 3, em “The soldier tried to convince that poor man that the animals would be fine” [O soldado tentou convencer aquele pobre homem que os animais ficariam bem], apresenta o seu gesto interpretativo ao dizer que o narrador-personagem tenta convencer o senhor do estado dos animais. Discursivamente, o efeito de sentido que circula é de convencimento, de conselho nos momentos em que o narrador-personagem explica os caminhos pelos quais o senhor pode seguir, conforme retratado em uma das passagens do conto em “If you are rested I would go”. Ainda no recorte 3, percebemos que o sujeito-aluno recorre ao uso das aspas para atender a uma falta ou como forma de usar trecho do original para ter a ilusão de uma progressão, continuidade e fechamento textual. Faz-se imperativo observar a citação do original no

processo de recontar, como se segue: “Why they’ll probably be all right” [ora eles provavelmente ficarão bem] enquanto que no original é “Why, they’ll probably come through it all right” [“Olha, tudo indica que eles se sairão bem dessa”]. O que temos no processo de citação do original no processo de recontar é a inserção de uma frase entre aspas que simboliza uma origem e o retorno ao conto. Porém, ao analisarmos com mais precisão, veremos uma diferença nesse processo de citação. O sujeito-aluno, afetado pela estrutura da língua portuguesa, substitui, como resultado de um lapso ou equívoco da memória, o original “come through it”, além de omitir a vírgula após “why” com função de exclamativa. Essa modificação é resultado não só de um lapso, mas retrata também a presença de uma memória motivada pelo inconsciente. Assim como nos aponta Maia (2006: 34), “Há uma falsa ideia de que nós escolhemos as palavras para dizê-las, ao contrário, são elas que nos escolhem via inconsciente em manifestações que Freud denomina de formação do inconsciente”. Em outras palavras, o *phrasal verb* (verbo idiomático, seguido de partículas, como preposição e/ou advérbio, dão origem a novo significado, diferenciando-se de significado quando o verbo não está na presença de tais partículas) parece ter sido uma barreira em LE para uma implicação maior do sujeito-aluno. Assim, como força da afetação da língua materna, o verbo “to be” [ser ou estar] toma lugar fazendo um papel maior de correlação com a estrutura da língua portuguesa, diminuindo a interpretação de um termo mais idiomáticos em língua inglesa.

No recorte 4, há uma procura maior pelos sentidos estabilizados, portanto o sujeito-aluno incorre mais na repetição dos últimos acontecimentos narrados no conto. A posição sujeito-autor se faz presente principalmente pelos intentos em delimitar e dar unidade ao texto, revisitando as condições de produção do conto. Em outras palavras, o fechamento se dá pela descrição e recuperação do clima meteorológico ruim, da situação dos animais e a situação de solidão e morte no cenário de guerra. Vemos isso na sequência discursiva, “Since the weather was terrible” [Já que o tempo estava terrível]; “That, and the man’s belief that the animals could look after themselves were all the lucky that man would have” [Isto, e a crença do senhor de que os animais conseguiriam se cuidar eram todo {o sortudo?} que o homem teria”, “they would all die in the war” [todos eles morreriam na guerra]. O sujeito-aluno, interpelado pelo discurso da totalidade e do fechamento, busca dar conta de todos os detalhes narrativos na tensão entre recontar e ler a história. Há um desvio da língua inglesa que resulta de um

movimento parafrástico no eixo da repetição formal, qual seja, “all the Lucky” que seria “all the luck” [toda a sorte], e não todo “o sortudo”. Apesar dessas marcas da afetação de língua portuguesa, até mesmo no eixo praticamente de repetição formal, vemos a força e a luta do sujeito-aluno em dar contorno, clareza, unidade e fechamento ao texto. Isso não impede o gesto de autoria de se fazer presente. A tensão entre a língua materna e a LE, em certos momentos, criam uma simbiose que não rui, desgasta ou põe em risco o gesto interpretativo e as marcas de autoria, mas revela uma afetação e um atravessamento tanto quanto outros possíveis de um indivíduo em forma-sujeito. Entretanto, o equívoco, a falha e o lapso são evidenciados e resultam do sujeito em posição-autor, que deseja dar conta de uma falta, de uma incompletude que sempre está posta, pois há falhas na língua. Um exemplo derradeiro é “They would all die in the war” [todos eles morreriam na guerra], que torna ambíguo e, de certo modo, contraditório, pois as condições de produção do conto e a própria narrativa nos apresentam que o narrador termina de conversar, descrevendo o que estava para acontecer. Parece-nos que o senhor fica ali em meio à solidão, falando que estava apenas cuidando dos animais. Isso nos aponta que, mesmo com o embate do sujeito-aluno em dar conta de todos os detalhes no ato de recontar e dessa incompletude constitutiva, o texto em si nos revela uma progressão textual e a força pelo acabamento e efeitos de um sentido ilusório e totalizante da história a ser narrada.

Considerações Finais

Estas considerações estão baseadas apenas no gesto interpretativo e de análise de uma produção textual apenas, com fins de demonstrar algumas problematizações e reflexões. Sendo este um artigo reduzido da apresentação do SAPPIL (UFF), no ano de 2014, apresentaremos um breve algumas considerações.

Pudemos ver que o sujeito-aluno deixa marcas de autoria em seu texto, seja rompendo com o movimento parafrástico, seja argumentando, como no recorte 2, com os termos “fragilidade” e “impotência”. Além disso, há certos deslocamentos que, mesmo em movimento parafrástico e de ordem do repetível formal, o sujeito-aluno ressignifica. Há um deslocamento não apenas da posição da palavra “fascistas” do final do conto e sua inserção no início do processo de recontar, como também há um deslizamento de sentido. O termo “fascistas” no início do reconto reflete o ímpeto do

sujeito-aluno de dar conta ilusoriamente de um contexto totalizante da história, de mostrar ao sujeito-leitor controle, entendimento do conto e, mais ainda, de criar sentidos outros, pois ali os fascistas representam a memória do dizer do discurso das grandes guerras e das grandes invasões.

O sujeito-aluno, por fim, também apaga e silencia outros fatos no ato de recontar, algo inerente ao indivíduo em forma-sujeito, pois quando elegemos (ou pensamos eleger) uma forma de dizer, deixamos de lado tantas outras maneiras. Isso se põe claramente no silenciamento de ser domingo de Páscoa no conto e todo o simbolismo que isso retrata, o discurso religioso de uma ressurreição, de uma catarse de emoções, de consideração ao próximo, de uma libertação (ou mesmo a ironia no texto de toda as desventuras e infortúnios anunciados em um dia considerado religioso). E esse silenciamento reflete um gesto interpretativo que não põe em risco a ilusão de fechamento, unidade e acabamento marcados pelo sujeito-aluno; pelo contrário, a função de autoria, segundo Orlandi (2007: 71), dá-se pelo silenciamento, pois “O incompleto na linguagem é o lugar do possível, é condição de movimento dos sentidos e dos sujeitos. É na incompletude que inscrevemos a questão do silêncio, e, por esta via, a da interpretação como movimento”.

A pesquisa em andamento aponta aos poucos para uma necessidade de se repensarem as práticas pedagógicas, voltadas ao trabalho da linguagem com a produção textual, em prol de uma abordagem mais discursiva por parte do professor dentro de sala, seja escolar ou universitária. Algumas produções textuais (não mostradas neste artigo) têm evidenciado certa fragilidade e domínio no nível de proficiência em LE. Tanto essa produção textual, apesar de haver gestos em direção a uma autoria, quantos outras produções ainda em análise têm revelado até agora certa dependência dos alunos ao eixo do previsível e da repetição formal, permanecendo na paráfrase em diferentes trechos. Por fim, esses indícios e pistas na presente pesquisa nos levam a considerar que a posição sujeito-autor deveria ser mais evocada e sustentada devido, mas muitas vezes não o é devido à afetação da língua materna, comprometendo, assim, em certos momentos, o sentido.

Referências

AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidade(s) Enunciativa(s). Trad. Celen M. Cruz e João Wanderley Geraldi. In *Cadernos de Estudos Linguísticos* (19). Campinas, Unicamp, jul./dez. 1990.

GALLO, S. Autoria: questão enunciativa ou discursiva?. *Linguagem Em (Dis)Curso*, 1(2). UNISUL, 2001. Acesso: 2 jun. 2014.

HEMINGWAY, E. Old man at the bridge. In FULLER, E (org). *Adventures in American Literature*. HBW, Inc. New York, 1963.

LAGAZZI-RODRIGUES, S. Texto e autoria. In ORLANDI, E.; LAGAZZI-RODRIGUES, S. (Orgs.). *Introdução às ciências da linguagem: Discurso e textualidade*. Pontes, 2006.

ORLANDI, E. *Interpretação, autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. 9a. ed. Pontes. Campinas, 2012.

PFEIFFER, C.C. *Que autor é este?* Unicamp, Dissertação de Mestrado, Unicamp, 1995.

TFOUNI, I.V. (Org.) *Múltiplas faces da autoria: Análise do Discurso, Psicanálise, Literatura, Modernidade e Enunciação*. Ijuí: ed. Unijuí, 2008.